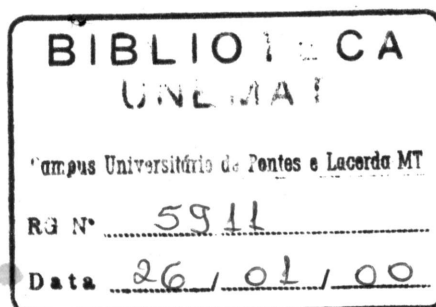


Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Ufanismo Ideológico dentro de "Triste Fim de Policarpo Quaresma",
de Lima Barreto.

José Ferreira Paiva



Pontes e Lacerda - MT
1999

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

José Ferreira Paiva

Ufanismo Ideológico dentro de “Triste Fim de Policarpo Quaresma”,
de Lima Barreto.

Ensaio monográfico apresentado
ao curso de graduação em Letras
da UNEMAT (MT), como
requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciado em Língua
Portuguesa e Literatura.
Orientador: José Pereira Neto.

Pontes e Lacerda - MT
1999

O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela transportarmos os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, de tal modo que freqüentemente o homem íntegro aí se sai menos bem que aquele que tem por causa o egoísmo e a rotina vulgar. (N.E.).

RENAN, *Marc-Aurèle*.

Agradeço a Deus porque me deu coragem e perseverança para que eu pudesse concluir este curso. Aos meus queridos pais, João A. Paiva e Leontina Antônia F. Paiva, por ter me dado a vida e também me deram muita força para que eu pudesse continuar estudando.

Agradeço também ao padre Carlos Roberto Rebelato, que gentilmente ofereceu-me seu lar para que eu pudesse continuar meus estudos e chegar onde cheguei, ao professor José Pereira Neto que orientou-me neste trabalho final. Muito obrigado.

Dedico esse trabalho à minha amada esposa Loelli Aparecida Largura, por ter me compreendido e incentivado nos momentos mais difíceis de minha vida, aos meus pais, que me apoiaram e respeitaram todas as minhas decisões.

Dedico também à minha amiga particular Marinei Almeida Lima que sempre me incentivou a continuar meus estudos, à Maria Rita de Carvalho colega e amiga e também a todos os colegas e professores que tiveram sua parte de contribuição para eu chegar até aqui.

Sumário

Apresentação-----	5
Quadro Teórico-----	7
Análise-----	11
Considerações Finais-----	28
Bibliografia-----	29

Apresentação

Através do trabalho que me proponho a desenvolver estarei trabalhando os três momentos de manifestação do ufanismo ideológico de Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto em “Triste Fim de Policarpo Quaresma.”

Essa obra foi publicada em 1911, e faz uma crítica ao governo de Floriano Peixoto, que era militar.

A obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma” foi escrita no período literário pré-moderno, didaticamente compreendido entre 1900 a 1922. O pré-modernismo deu início à valorização de elementos nacionais num momento em que a literatura brasileira começa a buscar elementos que o romantismo rejeitava como por exemplo a valorização do caboclo. Mas a produção dessa época foi bastante variada houveram também as conservaram os valores estético-ideológico do século XIX, que mescla com outros valores voltados para a situação nacional e social do país. Essa permanência de valores estético-ideológico corresponde minimamente a duas tendências literária acadêmica, o neoparnasianismo e o neo-romantismo.

As obras desse período com caráter nacional e social foram de Graça Aranha, Euclides da Cunha e Lima Barreto, o qual produzia o “Triste Fim de Policarpo Quaresma”.

O meu objetivo é analisar nessa obra estritamente o ufanismo ideológico que nela se manifesta através da figura de Policarpo Quaresma.

O ufanismo ideológico o qual é o recorte do meu trabalho aparece em três momentos, na reforma da cultura, nas tentativas agrícolas e quando escreve a memorial e passa a fazer parte da revolta da armada.

O ufanismo e a atitude daqueles que influenciados pelo potencial das riquezas brasileiras, pelas belezas do país de vanglória desmedidamente.

Quadro Teórico

Após a leitura da obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, percebi que na mesma as questões sociais são tratadas de uma forma clara e direta e, igualmente estabelecia-se uma crítica ao social e a uma forma de governo.

Essa obra é bastante significativa no período pré-moderno, por estar entre aquelas que têm uma grande preocupação com o aspecto social. Dessa forma pode-se dizer que uma das características mais interessantes no “Triste Fim de Policarpo Quaresma” coloca-se na instauração do ufanismo. Mas antes de explicar o significado deste, é importante que se diga que a literatura brasileira até 1836 era construída sobre os olhos europeus. A partir desse ano, com o movimento romântico, inicia-se um rompimento gradativo com a Europa e especialmente com Portugal.

Por volta de 1900, quando iniciou-se um período que podemos chamar de transição, ou seja, momento em que começa a despir-se dos traços românticos, a literatura brasileira propõe uma abordagem dos problemas sociais de uma forma real.

Na Literatura brasileira, há, dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência o Romantismo, no século XIX (1836-1870) e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambas representavam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspira não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal...¹

¹ CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Editora Nacional. São Paulo. 1976. P.12

Segundo Antônio Cândido, no século XX a literatura brasileira pode ser dividida em três períodos: de 1900 - 1922; de 1922-1945 e de 1945 até nossos dias. O primeiro é chamado de pós-romântico, foi um período de estabilidade ou equilíbrio não tendo muita demarcação na conjuntura literária. Foi mais de rejeição dos traços românticos do que mesmo originário de novos desenvolvimentos. (CANDIDO, 1965).

A particularidade que o período anterior negava e tinha como empecilho para elaboração de nossa cultura passa agora por transfiguração como: idealização do caboclo que o modernismo supera. A matéria que era tida como empecilho, no modernismo tem uma nova interpretação.

Voltemos a falar no ufanismo, o qual é o recorte do trabalho que vou desenvolver. Assim podemos dizer que o ufanismo é a atitude daqueles que, influenciados pelo potencial das riquezas brasileiras, pelas belezas naturais do país, etc., delas se vangloriam, desmedidamente.

Vejamos alguns exemplos do ufanismo dentro da obra que vou analisar: “Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre os demais rios do mundo (...) O major não se conteve: levantou o olhar e concertou o pince-nez e falou fraternal e persuasiva: “ Ingrato! Tens uma terra tão bela, tão rica, e queres visitar a dos outros!” (...) Qual, terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente. Você é que deu para implicar.”²

Segundo Antônio Cândido³, a obra produz um impacto na sociedade capaz de gerar modificações e suas condutas “(...) conteúdo da obra produz sobre os indivíduo um

²CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 112

³ CANDIDO, Antonio. Op. cit.

efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles sentimento.”⁴

O ufanismo sob a luz dessa afirmação é um aspecto para despertar a visão ou comportamento em relação aos valores nacionais, fazendo ao leitor um chamamento à apreciação das coisas nacionais, cobrando posições políticas dos governantes, vindo ao encontro de idéias socialistas.

De acordo com Bosi⁵, a Ideologia de Lima Barreto aflora algumas contradições em relação à forma de modernização que o Rio de Janeiro passava no início do século, como o cinema, o futebol, a arranha céu e própria ascensão profissional da mulher, mas essa contradição existe justamente por que Barreto é originário da classe média suburbana. Por isso dá-se seu conservadorismo sentimental, e isso justifica sua aversão às oligarquias republicanas.

Bosi⁶ afirma que a obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, apesar de ser ficção, mostra um Brasil com uma gama de diferenças sócio-cultural-político-econômicos.

O ressentimento do mulato enfermo é o suburbanismo não o impediram, porém, de ver e configurar com bastante clareza o ridículo e o patético do racionalismo tomado como bandeira isolada e fanitizante: no major Policarpo Quaresma afloram tanto as revoltas do brasileiro marginalizado em uma sociedade onde o capital já não tem pátria, quanto a própria consciência do romancista de que o caminho neufanista é veleitário e impotente.
(...)

Mergulhando-o no sistema social opressor e trazendo para a superfície questões que mereceria reflexões profundas e detalhadas dos problemas que passavam despercebidos pelos brasileiros. (P. 318).

⁴ BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. Editora Cultrix. São Paulo, 1989. P. 317,318.

⁵ BOSI, Alfredo. Op. cit.

⁶ BOSI, Alfredo. Op. cit.

Afrânio Coutinho⁷ relata que Lima Barreto faz uso da literatura tentando uma transformação social, seria um meio pelos quais modificaria comportamento e visões de mundo. “Lima Barreto procurava converter a literatura numa verdadeira arma de combate.”

A ideologia é uma forma de pensamento sobre uma forma de organização social segundo o dicionário Aurélio, a ideologia além de ser a formação de idéias é também a expressão de fatos sociais e econômicos. A ideologia é o modo de pensar a realidade que determina a existência de certas configurações, certos esquemas de conformidade com a atividade do homem como ser autocriativo.

O ufanismo enquanto ideologia se apresenta na obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, como uma forma de contrapor o sistema de governo imposto na época em relação à conjuntura política.

Antônio Cândido⁸ fez um comentário em relação a arte, que para o sociólogo moderno tanto expressa as vivências sociais como pode modificar condutas e comportamentos.

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentido dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independente do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (P. 20).

⁷ COUTINHO, Afrânio. Co-direção de Eduardo de Farias Coutinho. *A literatura no Brasil*. Vol. 4, parte II/ Estilo e época, Era realista/ Era transição. 4 ed. Editora Global. São Paulo-SP, 1997. P. 219.

⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Cultura*. Op. cit. p. 20.

Análise

Policarpo Quaresma personagem da obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto é julgado pelos vizinhos de esquisito e misantropo, e uma postura nacionalista ao extremo. Policarpo era fascinado em leituras. Lia tudo que encontrava, desde literatura até ciência, ele também dedicou-se ao estudo da língua tupi e do jargão caboclo. Por ser nacionalista, os extremos mudam os seus hábitos, começa a tocar violão, não por simples prazer ou por ter dom, mas porque buscava valorizar tudo aquilo que fosse a mais pura expressão nacional, e as modinhas de viola resgatavam a história. Policarpo via na modinha a mais pura expressão da cultura nacional, e isso faz com que o violão o fascine, conforme na citação abaixo: “A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede.” Policarpo com essa resposta à irmã começa apresentar o seu ufanismo ideológico.

Vejamos como Policarpo defende o rio Amazonas em relação ao rio Nilo.

(...) Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo. (P. 23)⁹

⁹ BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 21 ed., Editora Ática, São Paulo - SP., 1998.

* Apartir daqui, todos as referências bibliográficas referindo a obra, pertencem a esta edição.

Podemos perceber uma marca ufana bastante visível no momento em que Policarpo está lavando as mãos num aposento próximo à secretaria, e alguém exclama que gostaria de ir à Europa, isso foi suficiente para irritar Quaresma.

(...) Quaresma ... lavavam as mãos num aposento próximo a secretaria e se preparava para sair, alguém suspirando, disse: "Ah! Meu Deus! Quando poderei ir à Europa!" O major não se conteve: levantou o olhar, concertou o *pince-nez* e falou fraternal e persuasivo: "Ingrato! Tens uma terra tão bela, tão rica, e queres visitar a dos outros! Eu, se algum dia puder, hei de percorrer a minha de princípio ao fim!" (P. 24)

Policarpo ao contra argumentar o desejo de ir à Europa, utiliza o ufanismo ideológico para construir uma crítica a todos aqueles que não pensam nas questões sócio-econômico-culturais que constituem e perpassam o contexto brasileiro. Policarpo toma partido nesse momento para mostrar ideologicamente que o país continua voltado para a Europa sem se preocupar com o projeto de nação. Pensando de uma forma em que compreende as produções literárias, alguns escritores estavam voltados para a Europa enquanto pólo de produção que contemplasse a busca de conteúdo literário.

Policarpo Quaresma é extremista até no hábito alimentar, isto notável quando ele pede para a irmã substituir o petit por guando, simplesmente porque o petit é francês e o guando é do Brasil. E afirma que a terra brasileira produz de tudo aquilo que é necessário para um estômago exigente.

_ Qual, Adelaide, você tem certas ajerizas! A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente. Você é que deu para implicar.

_ Exemplo: a manteiga que logo rançosa.

_ É porque é de leite, se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gorduras de esgotos, talvez não se estragasse... É isto,

Ricardo! Não querem nada até da nossa terra...
(P. 27).

Policarpo dá mais importância a qualidade daquilo que é nacional do que aos produtos que são estrangeiros, a comparação que faz entre as manteigas podemos perceber o ufanismo ideológico quando ele diz que a manteiga nacional é boa porque simplesmente é de leite puro, mas por um outro lado não tem nenhuma técnica, enquanto ele afirma que a manteiga estrangeira é feita à base de esgoto. Isso seria um caso de provocar riso, pensar em fábricas de manteiga com esgoto. É utilizado o ufanismo ideológico para valorizar o que temos, mesmo que não tenha qualidade. Aqui duas idéias, uma de querer o que é melhor, ou seja, sem preocupação com a origem, e a outra em aceitar só o que é nacional independente de ser ou não qualificado, exemplo: “É uma mania de seu amigo, senhor Ricardo, essa de só querer coisas nacionais e a gente tem de ingerir cada droga, chi!” tal citação representa continuidade, do mercado aberto para qualquer mercadoria estrangeira. “a manteiga que fica rançosa logo é porque é feita de leite, se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gorduras de esgotos, talvez não se estragasse...” no personagem está Policarpo presente a idéia de consumir produtos sem conhecer a qualidade, só porque é nacional, isto é para prestigiar os produtos aqui fabricados.

Lima Barreto propõe o ridículo ao trabalhar o comportamento dos militares. Os militares, em especial o general cuja única preocupação era casar as filhas, mas de batalha só ouviam falar de longe “O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com sua profissão e o seu curso de artilheiro” (P. 31). A formação militar não é voltada para a questão familiar e sim para o combate, Lima Barreto faz uma crítica aos que deveriam combater na guerra do Paraguai.

“Se alguém perguntava: “O General assistia a batalha?” Ele respondia logo: “Não pude. Adoei e vim para o Brasil nas vésperas. Mas soube pela comissão, pelo venâncio que a coisa estava preta.” (P. 32). Vejam que a pergunta dirigida ao general é se já assistiu uma batalha ao invés indagou se ele já participou delas.

Policarpo Quaresma vasculha todos os lugares em busca de elementos para elaborar uma reforma em nossa cultura. Foi procurar a casa de uma velha ex-escrava em busca de cantigas que julgava ser nacionais, mas senhora não mais recordava, só sabia música de embalar criança.

(...) Minha velha, nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas.

_ Quem sou eu, ioiô!

_ Ora! Vamos, tia Maria Rita... você não perde nada, você não sabe-o “bumba meu boi”?

_ Quá, ioiô, já mi esqueceu.

_ E o “Boi Espácio”

_ Coisa véia, do tempo do cativeiro - pra que sô coroné qué sabê isso?

Ela falava arrastando as sílabas, com um doce sorriso e um olhar vago.

_ É para uma festa... Qual é a que você sabe?

A neta que até ali ouvia calada a conversa animou-se a dizer alguma coisa, deixando perceber rapidamente a fiada reluzente de seus dentes imaculados:

_ Vovó já não se lembra.

O general, que a velha chamava coronel, por tê-lo conhecido nesse posto, não atendeu a observação da moça e insistiu:

_ Qual esquecida, o quê! Deve saber ainda alguma coisa, não é, titia?

_ Só sei o “Bicho Tutu”, disse a velha.
(PP.- 33,34)

Foi uma grande decepção para Policarpo, pois acreditava que as pessoas mais velhas queriam preservar nossa cultura, porém percebeu que não era bem isso. Mas Quaresma ainda tenta procurar um antigo poeta com o qual aprende o “Tangolomango”.

Isso gerou um grande interesse e ele vai pesquisar a respeito, porém decepçiona-se no momento em que descobre que quase todas as tradições são estrangeiras.

(...) Comprou livros, leu todas as publicações a respeito, mas a decepção lhe veio ao fim de algumas semanas de estudo.

Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio "Tangolomango" o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma coisa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares. (P. 37)

Sua última tentativa é buscar na cultura indígena, aprende a língua Tupi e depois propõe a câmara e ao senado que oficializasse o Tupi-guarani como língua genuinamente nacional.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem. (P. 53)

Com essa proposta de reforma, Policarpo chega ao ponto máximo do ufanismo. Ao propor tal substituição sua sanidade mental e colocado em dúvida pela sociedade que tem uma concepção de mundo estabelecido a partir do pensamento europeu.

Segundo Antônio Cândido¹⁰ esse período foi de rejeição aos traços românticos e esse ufanismo propõe uma reforma cultural e um desmascaramento de uma ideologia de estabilidade. Seria um momento de despir-nos de todos os elementos que continuava a influenciar nossa literatura.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Laceria - MT
BIBLIOTECA

¹⁰ CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura. Op. cit. p. 112.

O aparecimento do compadre Coleoni na obra, tem um valor de registro de que o Brasil oferecia oportunidades a estrangeiros que viviam aqui. Estas enriqueceram aqui, mais do que os brasileiros ainda tinham a liberdade de falarem a língua nativa sem serem questionados.

A extensa publicidade, que o fato tonou, atingiu o palecete de Real Grandeza, onde morava o seu compadre Coleoni. Rico com os lucros das empreitadas de construções de prédios, viúvo, o antigo quitandeiro retirara-se dos negócios e vivia sossegado na ampla casa que ele mesmo edificara e tinha todos os remates arquitetônicos do seu gosto predileto: compoteiras na cimalha, um imenso monograma sobre a porta da entrada, dois cães de louça, nos pilares do portão da entrada e outros detalhes equivalentes.

(...)

Ele pronunciava o nome da filha quase sem sotaque; mas, quando falava português, punha nas palavras uma rouquidão singular, e salpicava as frases de exclamações e pequenas expressões italianas. (PP.- 55,58).

Tudo o que é da Europa está correto e tem seu valor como podemos perceber no diálogo de Coleoni com a filha. Vejamos:

“ _ Per la madonna! Alemão é língua, agora esse acujelê, ecco!

_ Acujelê é da, papai; tupi é daqui.

_ Per Bacco! É o mesmo ... Está doido!

_ Mas não há loucura alguma, papai.

_ Como? Então é coisa de um homem *bene*?

_ De juízo, talvez não seja; ,as de doido, também não.

_ *Nom capisco*

_ É uma idéia, meu pai, é um plano, talvez à primeira vista absurdo. (P. 58).

O povo europeu é de cor branca. Isto significa que o imperialismo de valores da cultura branca continua com seu espaço na literatura, apesar de existirem elementos nacionais como as culturas indígena e negra. Mas como o período de elaboração dessa obra foi de transição, segundo Antônio Cândido¹¹, Lima Barreto vasculha elementos culturais que desmascaram aqueles que continuam a preservar a cultura européia como matéria prima.

Mas a matéria prima da literatura deve ser as duas coisas juntas. Antônio Cândido¹² afirma que as duas culturas, a européia e a nacional devem estar juntas. Ele afirma ainda que a nossa cultura passa por uma transfiguração, aquilo que era negado é tido como empecilho, como a idealização do caboclo.

O descuido de Policarpo com o ofício em tupi transformou-lhe a vida, pois ao enviar este documento para o major sofreu uma suspensão. Aqui apresenta-se a discriminação e o preconceito àqueles que não possuem um diploma de curso superior. No trecho abaixo percebemos o valor de quem tem um título e não de quem tem conhecimento.

— Não sabe! Como é que o senhor ousa dizer-me isto! Tem o senhor porventura o curso de Benjamim constante? Sabe o senhor Matemática, Astronomia, Física, Química, Sociologia e Moral? Como ousa então? Pois o senhor pensa que por ter lido uns romances e saber um francesinho aí, pode ombrear-se com quem tirou grau 9 que em cálculo, 10 em mecânica, 8 em Astronomia, 10 em hidráulica, 9 em descritiva? Então?! (P. 61)

¹¹ CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura. Op. cit.

¹² CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura. Op. cit.

Policarpo acaba ficando transtornado e internado em um hospício, vítima da consequência de um projeto ideologicamente nacionalista. Há uma representação ideológica de todos aqueles que propunham revolução. Todo ideal novo se choca com a ideologia vigente. Segundo Carlos Faraco, Lima Barreto criador de Policarpo ficou internado em um hospício da Praia Vermelha.

(...) Seu pai trazia às vezes, aos domingos, quando vinha cumprir o piedoso dever de amizade, visitando Quaresma. Há quanto tempo estava ele ali? Ela não se lembrava ao certo; uns três ou quatro meses, se tanto.

Só o nome da casa metia medo. O hospício! É assim como uma sepultura em vida, um semi-enterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. (P. 62)

Quaresma, após sair do hospício passou a morar no sítio por sugestão de sua afilhada, porém pensou logo em cultivar frutas, legumes e milho, com isso ele tenta mostrar na prática o potencial agrícola do Brasil e novamente Policarpo utiliza do ufanismo ideológico, como podemos perceber na citação a seguir.

_ O padrinho porque não compra um sítio? Seria tão bom fazer as suas culturas, ter o seu pomar, a sua horta... não acha?

(...)

_ É verdade, minha filha. Que magnífica idéia, tens tu! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo... O milho pode dar até duas colheitas e quatrocentos por um... (P. 74)

Policarpo se torna dono do sítio e não depende de política e do governo e suas burocracias para implantar suas idéias, assim reproduz aquilo que não conseguia na

proposta de reforma da cultura brasileira. Policarpo, tem a liberdade de planejar e executar o seu projeto.

A idéia caiu-lhe na cabeça e germinou logo. O terreno estava amanhado e só esperava uma boa semente. Não lhe voltou a alegria que jamais teve, nas a taciturnidade foi-se com o abatimento moral, e veio-lhe a atividade mental cerebrina, por assim dizer, de outros tempos. Indagou dos preços correntes das frutas, dos legumes, das batatas, dos aipins

(...)

(...) Levou em linha de conta a produção média de cada pé de fruteira e hectare cultivado, e também os salários, as perdas inevitáveis, e, quanto aos preços, ele foi em pessoa ao mercado buscá-lo.

Planejou a sua vida agrícola com a exatidão e meticulosidade que punha em todos os seus projetos. (PP. - 74,75)

Policarpo com esse seu projeto pretendia ter um bom ganho. Mas o maior lucro, teria como modelo e referência para todos a excelsa majestade daquilo que é produzido em solo brasileiro. E novamente cria o ufanismo ideológico, observemos na citação:

(...) Encarou-a por todas as faces, pensou as vantagens e ônus; e muito contente ficou em vê-la monetariamente atraente, não por ambição de fazer fortuna, mas por haver nisso mais uma demonstração das excelências do Brasil. (P. 75)

Policarpo acreditava que seu projeto, voltado para agricultura, seria de grande utilidade para a nação, além de ser um exemplo para muitos outros agricultores, também seria uma forma de conter as entradas de produtos estrangeiros no mercado brasileiro.

“Esperava grande colheitas de frutas, de grãos de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada, de um verdadeiro celeiro, virente e abundante a dispensar os argentinos e europeus.” (P. 75)

Lima Barreto através do seu personagem Policarpo utiliza de recursos nacionalistas e ufanos, para fazer toda uma crítica à política agrícola do governo. Apresenta uma forma de barrar as importações. Há diversas propriedades abandonadas próximo da capital, como era o “SOSSEGO”.

No diálogo entre o tenente e Policarpo podemos perceber que os interesses nacionais não estavam voltados para a agricultura e sim para a política.

- _ Pretende dedicar-se à agricultura?
- _ Pretendo, e foi mesmo por isso que vim para a roça.
- _ Isto hoje não presta, mas noutro tempo!... Este sítio já foi uma lindeza, major! Quanta fruta, quanta farinha! As terras estão cansadas e...
- _ Qual cansadas, Seu Antonino! Não há terras cansadas... A Europa é cultivada há milhares de anos, entretanto...
- _ Mas lá se trabalha.
- _ Por que não se há de trabalhar aqui também?
- _ Lá isso é verdade; mas há tantas contrariedades na nossa terra que...
- _ Qual, meu caro tenente! Não há nada que não se vença.
- _ O senhor verá com o tempo, major. Na nossa terra não se vive senão de política, fora disso, babau! Agora mesmo anda tudo brigado por causa da questão da eleição de deputados... (P. 81).

O abandono em que vivia o “SOSSEGO”; pode estar representando a situação agrícola brasileira. Confirmamos isto na fala de Olga, afilhada de Policarpo, quando sugere ao padrinho a compra de um sítio. “Há por aí tantas terras férteis sem emprego...”.

Podemos perceber também nesta fala que Lima Barreto faz uma crítica ao governo republicano, que não incentiva a agricultura, no entanto as terras são férteis e sem produção alguma.

Alfredo Bosi¹³ afirma que Lima Barreto tinha aversão às oligarquias que tomaram o poder em 1889. Segundo ele, Lima escreveu essa nota: “Uma rematada tolice que foi a tal república. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, as escravocratas de quatro costados.”

Um dos pontos importantes na obra, pode ser pontuado quando Olga, a afilhada de Policarpo Quaresma ao visita o “Sossego”, vai até a cachoeira do Carico, onde constata que na região prevaleciam o abandono, a miséria e a pobreza da população. Quando Olga conversa com Felizardo ele denuncia que a terra é infestada de formiga e que não tem apoio do governo para adquirir ferramentas, diz também que o governo só dá atenção aos imigrantes italianos e alemães.

“Sá dona tá” pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? “Quá, sá dona”, não é assim.

Deu uma machadada; o tronco escapou: colocou-o melhor no picador e, antes de desferir o machado, ainda disse:

— Terra não é nossa... E “frumiga”?... Nós não “tem” ferramenta... isso é bom para italiano ou “alemão”, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...

Lima Barreto faz uma crítica a forma de execução da política agrícola e agrária do governo, esse trecho retrata a época da imigração dos estrangeiros para o Brasil. Aqui há uma verosimilhança. Esse é um ponto em que Lima Barreto apresenta em sua

¹³ BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura. Op. cit. p. 259.

obra traços realistas. Segundo Afrânio Coutinho¹⁴, Lima Barreto procurava converter a literatura numa verdadeira arma de combate.

Na citação supracitada, percebemos que Lima Barreto faz questão de descrever as forças antagônicas em que vivem os trabalhadores rurais, através de Quaresma no “Sossego”, descreve essas forças como a terra cansada, formigas, doenças na galinhas, e impostos a serem pagos.

A terra do “Sossego” já estava bastante fraca, mas Policarpo não acreditava, continuava resistindo a tais coisas, devido seu ufanismo em relação a sua terra, e questionava qualquer um que ousasse afirmar tal fato, podemos perceber na seguinte citação.

(...) Quando ela chegou, o padrinho exclamava:

— Adubos! É lá possível que um brasileiro tenha tal idéia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!

— Mas se esgotam, major, observou o doutor.

Dona Adelaide, calada, seguia com atenção o *crochet* que estava fazendo; Ricardo ouvia, com os olhos arregalados; e Olga intrometeu-se na conversa:

— Que zanga é essa, padrinho?

— É teu marido que quer convencer-me que as nossas terras precisam de adubos... Isto é até uma injúria! (P. 104)

Policarpo Quaresma passa agora a refletir em tudo aquilo que sempre o preocupou. Percebe que são coisas muito pequenas diante de um sistema político mais abrangente complexo, há uma mudança de ideologia.

Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses

¹⁴ COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. op. cit.

óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz (P. 116)

Policarpo Quaresma elabora um plano para entregar ao Marechal Floriano. Esse plano na concepção de Quaresma tiraria a agricultura brasileira do caos e todas as outras questões que se relacionava com ela.

Aproveitara os dias até para redigir um memorial que ia entregar a Floriano. Nele expunha-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostrava-se todas os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas. (P. 128)

A ideologia militar é baseada na força, conhecimento, armas e união. Mas Barreto expõe ao ridículo esses militares, que já eles encontravam-se no poder. O primeiro desmascaramento é que para graduar não era necessário estudar e sim ter dinheiro.

(...) Vejo que é um patriota... Resolvi por isso fazer um rateio pelos oficiais, em proporção ao posto: um alferes concorre com cem mil-réis, um tenente com duzentos... O senhor que patente quer? Ah! É verdade! O senhor é major, não é?

Quaresma então explicou por que o tratavam por major. Um amigo, influência no Ministério do Interior, lhe tinha metido o nome numa lista de guardas-nacionais, com esse posto. Nunca tendo pago os emolumentos, viu-se, entretanto, sempre tratado major, e a coisa pegou. A princípio, protestou, mas como teimassem deixou.

— Bem, fez Bustamante. O senhor fica mesmo sendo major.

— Qual é a minha quota?

— Quatrocentos mil-réis. Um pouco forte, mas... O senhor sabe; é um posto importante... Aceita?

— Pois não.

Bustamante tirou a carteira, tornou nota com uma pontinha de lápis e despediu-se jovialmente. (P. 134)

Um outro desmascaramento que Lima Barreto faz é sobre o conhecimento de Guerra, que os militares deveriam ter, e não têm. Quando questiona o General Albanaz se já viu uma batalha ele sempre responde que não. As informações que tem é sempre do “camisão”. Com relação ao Marechal Floriano, a sua administração era admiradas entre alguns militares, devido a sua atuação no Paraguai.

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. (...) Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos. (P. 31)

Um outro desmascaramento ideológico que Lima Barreto faz aos militares através de seu personagem Policarpo Quaresma, está relacionado a falta de formação militar. Podemos observar tal acontecimento quando Policarpo vai buscar o conhecimento através de compêndios, o posto de major, e a revolta da armada já estava acontecendo.

O major está no interior da casa que serve de quartel, lendo. O seu estudo predileto é agora artilharia. Comprou compêndios; mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica: desce mais a escada; e vai a trigonometria, e à geometria e à

álgebra e à aritmética. Ele percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor. Aprende uma noção elementaríssima após um rosário de consultas, de compêndio em compêndio; e leva assim aqueles dias de ócio guerreiro enfronhado na matemática, nessa matemática rebarbativa e hostil aos cérebros que já não são mais moços. (P. 141)

Um outro fato interessante é como Lima Barreto trabalha esse desmascaramento ideológico de forma cômica. “Ricardo Coração dos Outros” era cantador e tocador de viola e teve que fazer parte da tropa do governo contra a sua vontade e sem nenhuma instrução, e como era engraçado o uniforme militar de Ricardo. Podemos comprovar na citação abaixo:

(...) Entre soldados entrava um homem, a se debater, a chorar e a implorar, ao mesmo tempo, levando de quando em quando uma reflata.

— É o Ricardo! exclamou Quaresma. O senhor não o conhece, coronel? continuou ele com interesse e piedade.

Bustamante estava impassível na varanda e só respondeu depois de algum tempo:

— Conheço... É um voluntário recalcitrante, um patriota rebelde.

Os soldados subiram com o “voluntário” e Ricardo logo que deu com o major, suplicou-lhe:

— Salve-me major!

Quaresma chamou de parte o coronel, rogou-lhe e suplicou-lhe, mas foi inútil... Há necessidade de gente... Enfim, fazia-o cabo.

Ricardo, de longe, seguia a conversa dos dois: adivinhou a recusa e exclamou:

— Eu sirvo sim, sim, mas dêem-me o meu violão.

(...)

Ricardo Coração dos Outros apareceu. Estava engraçado dentro do seu fardamento de caporal. A blusa era curtíssima, sungada; os punhos lhe apareciam inteiramente; e as calças eram compridíssimas e arrastavam no chão. (PP.- 139,141).

Um outro fato importante foi a revolução da armada, no qual Policarpo e outros militares participaram ao lado do governo. Quando a revolta termina, Marechal Floriano sai vitorioso, e diversos participantes das forças do governo foram recompensados com cargos.

Policarpo aceitou o cargo de carcereiro na ilha das enxadas. Ali estavam presos muitos revoltosos, e Policarpo por um grande descuido deixou que vários prisioneiros fossem libertados, e isso acarretou-lhe a prisão, e foi classificado como traidor da pátria, Quaresma que defendera sua pátria por toda a sua vida, agora não teve reconhecimento por parte dos militares.

Revoltado com tudo isso, Policarpo percebe que depois de tanta busca e dedicação, para a construção de uma pátria sana, de nada serviria agora, restando-lhe apenas a decepção.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. (...)

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. (...)

E eles se lembrava que há bem cem anos, naquele mesmo lugar onde estava, talvez naquela mesma prisão, homens generosos e ilustres estiveram presos por quererem melhorar o estado de coisas de seu tempo. Talvez só tivessem pensado, mas sofreram pelo seu pensamento. Tinha havido, vantagem? As condições gerais tinham melhorado? Aparentemente sim; mas, bem examinado, não.

Policarpo Quaresma representa o desencontro entre o ideal e o real. Quaresma alimentou todo um sonho de ter uma pátria forte e competitiva. Policarpo não trabalhava os seus ideais de uma forma coletiva, e de uma forma totalmente centrado na individual.

Posterior esta análise fica claro que não se constrói uma nação alicerçada em visões isoladas e individualizadas e também não se pode desconsiderar fatos da história do Brasil, principalmente os de sua colonização na constituição de uma cultura.

Considerações Finais

Esse trabalho por meio da obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto despertou-me aptidão de estudar ainda mais literatura brasileira e fazer uma especialização. O desejo que despertou em mim é de na próxima oportunidade aprofundar o estudo dessa obra.

O período pré-modernismo de acordo com Domício, houveram produções conservadoras e renovadora. Com esse trabalho que desenvolvi minha vontade está voltada para conhecer além de outras obras nacionalistas do período, também obras contemporâneas. Foi de grande importância trabalhar a obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, não somente por ter sido escrita por Lima Barreto, e nem por ser de transição no período pré-moderno. Mas sim por ser uma obra que abrange as questões nacionais. Não sendo ufano como Policarpo, mas é importante conhecer aquilo que é nacional e principalmente nesse momento em que o mundo está sendo globalizado. Muitos valores brasileiros começam apresentar sinais de substituição por outros estrangeiros.

Bibliografia

- BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 21 ed. Editora Ática, São Paulo - SP., 1998.
- BOSSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. Editora Cultrix. São Paulo, 1989.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. Editora Nacional. São Paulo, 1976.
- COUTINHO, Afrânio. Co-direção de Eduardo de Farias Coutinho. A literatura no Brasil. Vol. 4, Parte II/ estilo de época. Era realista/ transição. 4 ed. Editora Global. São Paulo - SP, 1997.
- FILHO, Domício Proença. Tempos da Literatura Brasileira. Ed. ática, São Paulo, 1985.